



José Cardoso Pires

Cinema, o milagre das trevas



NO NATAL da minha infância, o calvário obrigatório ficava nas “matinéés” do Tivoli onde as mães de bons princípios levavam os meninos a conhecerem ao vivo “O Rei dos Reis” ou “A Vida de Cristo”. Ao terceiro ou quarto Natal, aquele desfile de peregrinos a atravessarem o ecrã, saídos da História Antiga a caminho da História do Infinito, palavra que me cansava. Fazia-me sonhar com outros milagres: triciclos, soldados de chumbo, físgas para ir aos pássaros, cartucheiras de “cowboy”, com pistola, coldre e tudo, bombardeiros, fulminantes, enfim, um arsenal de alegrias que um Pai Natal como deve ser não pode esquecer no saquinho.

Sim, o cinema faz sonhar de olhos abertos. Mas também cega quando é falso e por isso é que quem viu “A Cidade Branca” do Tanner ou mesmo a “Lisbon Story” de um notável como Wim Wenders, veio de lá cego para conhecer Lisboa.

“Ir ao nimas e ficar cego”, diziam os matulões dos meus tempos de liceu, mas o aforismo tinha mais a ver com o sexo às escuras do que com o cinema em foco luminoso. Num Portugal compostinho em Deus, Pátria, Família e Salazar, a malta praticava uma cultura “underground” nas “matinéés” dos cinemas de bairro, altamente estimulante. No Lys das meninas da Almirante Reis (sentadas aos pares com uma cadeira desocupada de cada lado para o que desse e viesse), no Imperial, à rua Francisco Sanches, no Max-Cine do Alto do Pina, com aprendizas de costura mal alinhavadas mas de coração aos pulos, a gente orientava os palpites, escolhia lugar e punha-se em faz-de-conta enquanto a luz não se apagava, a olhar para tudo menos para a parceira que nos estava ao lado.

Depois era o que se sabe. Caía a escuridão, entrava-se em Sétima Arte, Mirna Loy, Betty Grable, Claudette Colbert,

Sim, o cinema nasce das trevas como um milagre de revelação. Dá imagem à palavra e à música e ultrapassou a maneira cartesiana de contar em termos de tempo-espço. É uma máquina de sonho que acompanha, desde a infância as sucessivas gerações deste século. Um olhar sobre o impossível. Uma máquina de luz que também pode ser uma máquina de cegueira quando mente. Ou quando a censura, cortando e manipulando a dobragem, nos cega pelos olhos e pelo ouvido para o mundo em que vivemos.

tanto fazia, e de mãozinha esquecida começava o apalpar do jogo. Amor de perfil, podia chamar-se àquilo, porque enquanto as mãos trabalhavam cá por baixo em masturbações de criar bicho, os olhos mantinham-se fixos no ecrã até à cegueira do orgasmo.

“Matinéés-segóvia”, chamávamos nós a essas sessões. Uma Oitava Arte onde, por cumplicidades e subentendidos, se escapava à censura fradesca do salazarismo sexual e onde, por alguns minutos de aventura nas trevas, se esqueciam as mentiras obscenas da História do Matoso e da Mocidade Portuguesa.

Com o tempo, a expressão “ir ao nimas e ficar cego” sugeriu-me outra censura. Da polícia dos costumes passei à polícia do espírito, que cortava e carimbava ao desbarato a verdade e a imaginação de todos nós. Esses também procuravam cegar o espectador para a realidade concreta, mas havia outros que ainda iam mais longe: além do corte, queriam a dobragem.

A dobragem? Nós tremíamos de sus-

to. Num país totalitário, essa era a censura menos detectável, a que cegava pelos ouvidos, e foi por isso que o fascismo de Franco a pôs em prática com tanto entusiasmo.

“Claro”, disse Pablo, um cinéfilo madrileño, para um seu amigo aragonês. “A dobragem é a mentira do diálogo e da personagem. Viste por acaso ‘Las Lágrimas de los Bravos’?”

O aragonês acenou que sim.

“Bueno”, continuou o madrileño. “‘Las Lágrimas de los Bravos’, a melhor película do John Wayne. Portanto, lembra-te daquele general que beijou o alferes e desatou a chorar quando lhe pôs a cruz de guerra, verdade que si?”

“Verdad”, o aragonês lembrava-se. E logo o Pablo, com um sorriso de sabido:

“Simplesmente, o general não era general nenhum. Vi o filme em França e em França o general era um travesti com uma voz de mariposa que até fazia impressão.”

O aragonês calado, mas o Pablo madrileño ia com um tal embalo que avançou com outro caso:

“‘Las Hermanas’”, disse. “Nas ‘Hermanas’, quando lá no colégio a Romy Schneider se metia na cama da irmã que estava doente não havia irmã nem doente coisa nenhuma. Em espanhol tratavam-se por ‘hermanas’, mas na realidade eram duas amantes do piorio. Verdade, vi em França.”

“Amantes?”

“Claro, hombre. E ‘Las Praderas del Cielo’? Nas ‘Praderas del Cielo’”, continuou o de Madrid, “as formiguinhas que davam mel eram marabuntas disfarçadas.”

“Putas?”, cortou imediatamente o aragonês.

“Putas, como?”

“Putas-putas”, respondeu o outro. “Vi em França.”

(Depois deste diálogo dos censurados só desejo que, neste Natal, a voz de Deus não apareça em dobragem pontifícia com fundamentalismos de bradar aos céus.) ●